

AVENÇA VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andar - Telef. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 139

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Vária

Fôlhas do Calendário

Março, 19.
Segunda Sexta da Quaresma. E dia-santo, de S. José. Devem florescer às açucenas, rescenderem os lírios. Dia-santo quaresmal. Folga e jejum. Uma tarde para meditação — ou para longo recolhimento dorminhoco, quasi luz velada, em resguardo à constipação importuna, e da mais fiel e constante solicitude. Assim, em meio sono, a pontinha de febre, o catarro bronquítico, a garganta esbraseada pelo fumo, pergunto-me contemplativamente: — qual seria o meu primeiro pecado de amor? E interrogo-me a sério, embora não fusilando sobre a consciência, quasi adormecida em inconsciência, o olhar ferido do inquisidor. Não sei hem, ou por não me recordar, ou por difícil de escolher entre tantos, pequeninos e alados, mas, com certeza, muito puro e lindo, enternecedor e casto. Passam figurinhas discretas, tão meninas de idade como eu o era então, quasi vaporesas, como notas musicais, dispersas no silêncio morto...

Naquela tarde, era domingo, andava no Colégio, onde fôra de visita a família — a mãe e uma irmã — de certo meu condiscípulo e companheiro, que me convidou, com aquiescência do Prefeito, para a pequena merenda, tão saborosamente deliciosa, e uma hora furtiva de encantador e familiar convívio. Quando a sineta, impiedosa, tocou para o estudo, regressámos às fileiras, e entrámos com os outros no salão. Abri os livros, fitei as letras — mas, na verdade, o meu olhar divagava ainda pela amorosa luz daquela tarde macia de primavera, em que as flores sorriram perfumes, e as avezitas, na mata secular e fria, endeixavam trovas. Ali, quieto e polido, a folhear de vez em quando o livro, a riscar alguns traços de lápis. Voltou a sineta a tanger; desta vez para a ceia. Descemos ao refeitório. Alinhámos às nossas mesas. O Prefeito bateu as palmas. Sentámo-nos. Quero dizer — ia a assentar-me, quando, no cabeção da sala, o Director disciplinar, em voz serena mas frisante, disse o meu nome, e — para aqui de joelhos, durante a ceia, de castigo».

Não disse a razão do castigo. Nem havia falta, aparente ou real, comissa ou omissa, pela qual eu merecesse ou desse pretexto a ser castigado. E castigo a mim, regular estudante, limpo nas aulas, e bem comportado, era caso muito raro, se não único. Ainda tive arrepios — tive —, mas calei-os. Fui pôr-me de joelhos, lá ao cimo do refeitório, perto da mesa dos Professores. Todo o tempo da refeição: uma boa meia hora. Calado e pálido. No meu espirito, ainda embalado de sonho, era luminoso o sorriso do perfume das flores, e alado, cristalino, o cantar dos passaritos. Mas nem eu mesmo convertera em pensamento essas notas musicais, que me trinvam no coração — nem em pensamento. Terminada a ceia, o Prefeito mandou que me levantasse e que ceasse. Não quis a ceia. Saí, com os outros, na fila, calado e pálido. Não foi, nem podia ser, o meu primeiro pecado de amor, mas foi — creio — o primeiro pecado de amor — pelo qual sofri o castigo da penitência, sem o haver cometido.

Luz Eléctrica

Por todo o próximo mês de Abril deve ser inaugurado o importante melhoramento da luz eléctrica na populosa freguesia de S. João de Ponte, para o que os respectivos trabalhos estão já em vias de conclusão.

Os habitantes de Campelos e outros lugares da citada freguesia vão ver realizado um sonho de muitos anos. Depois, outros lugares virão a beneficiar do grande melhoramento e, mais adiante, outras freguesias, outras povoações, verão também converter-se em pura realidade a sua aspiração, antiga por certo mas absolutamente legítima e oportuna.

Parabéns, pois, aos beneficiados assim como aos concessionários da luz.

RAIOS X

O dedicado vimaranense, sr. Domingos Ribeiro da Silva Guimarães, residente no Pôrto, mandou entregar à Mesa da Misericórdia desta cidade, por intermédio do sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, a quantia de 5.000\$00 (cinco mil escudos) destinada à montagem do Pósto de Radiologia e Radioterapia do Hospital Geral de Santo António.

CHAPÉU—a enorme flor da Primavera

O chapéu é hoje um conflito permanente.

Conflito com a senhora que quer ser elegante, sem dar na vista; com o marido que acerbamente critica; com o preço que atinge e com a dolorosa travessia, movimentada e comprimida no carro eléctrico.

A linha moderna continua a deitá-lo para cima dos olhos, a fazê-lo subir como um monte, a povoá-lo inverosimilmente de tudo quanto há, ao mesmo tempo: frutos, pássaros, flores, rendas, véus, asas, jóias, etc., etc.

Os franzidos são graciosos: — quando o chapéu é de tom vivo ou pastel, parece uma linda flor garrida.

O sucesso dos turbantes não quer acabar. Mas é preciso haver muito cuidado na sua confecção: conhece-se bem o que é executado por especialista ou o que é amanhado à trouxe-mouxe, em casa e à última hora. Tem a sua técnica que não deixa de ser complicada. Deve esconder o cabelo todo, deixando ver apenas um pouco, à frente. Ficam bem com êles, os grandes, enormes brincos de pingentes.

O plateau usa-se ainda. Bastante grande, ou se coloca para trás como as altas boinas, ou desce sobre o olhar. Será de gros-grain ou de palha.

Vê-se muito o grande chapéu franzido em setim ciré ou lacado.

E também as formas: *chou, cabriolet, capota, capeline*. Esta mostrará duas rosas deitadas na aba e outras duas no cabelo em baixo, mesmo na nuca, formando *cache-peigne*.

O vestido pode ser de tom sombrio — o chapéu será a nota clara, frívola, saltitante e viva que anuncia o bom tempo e — possivelmente — o bom humor.

Aurora Jardim.

Aos nossos Assinantes

A todos os nossos assinantes que se encontram com as suas assinaturas em atraso, pedimos o especial favor de mandarem proceder à sua regularização o mais depressa possível.

As Empresas Jornalísticas atravessam, como é já sabido, uma crise bastante sensível, tendo aumentado, e muito consideravelmente, os seus encargos.

Os preços das assinaturas e dos anúncios mantêm-se, ainda, com sacrifício, e se os Srs. assinantes não prestarem o seu auxílio, pagando as suas assinaturas sem demoras, maior será o nosso sacrifício.

Apelamos, pois, para todos, certos de que este nosso apêlo há-de encontrar eco junto daquelas pessoas que se encontram com as suas assinaturas em atraso.

No meu cantinho

Revista de Portugal.

Série A. *Lingua Portuguesa*. Já em fins de Novembro a minha rudez gerezina salientou o embrulhado do nome e notou que Guimarães não ficava muito longe de Braga.

Álvaro Pinto ouviu, estranhou, calou. Em Dezembro, em Janeiro, em Fevereiro, em Março, os Cooperadores de Álvaro Pinto continuaram a julgar que Guimarães ficava além da Hotentótia.

Se Álvaro Pinto pudesse advinhar o prazer que ultimamente me deram as 7 páginas de Vasco Botelho de Amaral, o excelso Gerente faria que os seus Cooperadores soubessem de uma vez para sempre que Guimarães é o Berço da Pátria Amada e que nesse Berço há quem aprecie deliciosamente os estudos sobre a Língua e os espere numa ânsia digna de mais respeito e mais carinho e mais prontidão.

«Neve sobre o mar».

Joaquim Paço d'Arcos. Em 2.ª edição. Seis novelas. Bela edição, em verdade.

Em 17 do corrente notei, na primeira página, com a minha caneta: — «A Leninha é a culpada!»

E é. E foi. Tentou-me. Não resisti.

A primeira novela prendeu-me um tanto.

Depois fui-me desprendendo a pouco e pouco e em 22 notava, ao fim, a lápis: — «Ora... adeus!»

Novelas e romances não me venham ver.

A Crítica louva, a Crítica aprecia, a Crítica premeia. Tem razão a Crítica.

O meu critério é nulo e nada mais.

O LINHO

No domingo e na segunda-feira, exibiu-se, no Teatro Jordão, um interessantíssimo documentário sobre a cultura do linho, cuja filmagem foi feita na Quinta da Veiga, da respeitável família do saudoso vimaranense Sr. João Cardoso Martins de Meneses (Margaride).

O filme em referência, cheio de sabor campestre, satisfaz absolutamente todos quantos assistiram, nesses dias, às sessões do Teatro Jordão.

E foram muitas, muitas mesmo, as pessoas que ficaram a conhecer as *voltas que o linho dá antes de entrar no tear*.

Entre essas pessoas e segundo os comentários que temos ouvido, era elevado o número das que ignoravam ser Guimarães um centro importante da cultura do linho. É muito natural, a pesar de serem famosos os linhos de Guimarães.

Seja como for, o que nos ficou do documentário, que tanto apreciamos, foi a grande tristeza de não vermos aproveitado o maquinismo existente da fição de linho, que ainda faz parte do recheio da nossa importante Escola Industrial e Comercial.

Ao dizermos que ainda faz parte do recheio desse estabelecimento de ensino, queremos assentar — com má-gua o fazemos! — que possivelmente não será por muito tempo, a atender àquilo que nos segredam pessoas amigas.

Lá irão um dia as máquinas da fição e ficaremos apenas com a fama dos bons linhos — fama essa que depressa se extinguirá... desde que não surja uma iniciativa que quem de direito saiba acarinhar.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Excerto

Ora, por esse tempo, ditoso e morto — cujas cinzas me encanecem as fontes —, quando eu vim de Coimbra, era selecto o estado maior dos Procuradores, como usualmente mais os denominávamos então, ou Solicitadores; e digo o estado maior pois houve sempre, em fértil concorrência com os experimentados Doutores de Lareira — misto do Livro de S. Cipriano e das Instituições, de Coelho da Rocha — aturbaçal e nigromante dos Solicitadores Menores, com o curso da sua assiduidade a polícias correcionais e fitas de cinema, e mágnã quantidade, muito videirista e «pescocinha». Ainda conheci — a vida passa e mal reparamos na dobradoira, em que se vai dobrando o fio dos anos — o velho Manuel Dionísio, o António Joaquim de Sousa, o Ferreira, o Jerónimo de Castro, o Correia, o Pimenta. Foi com estes últimos quatro com os quais mais convivi, naqueles meus primeiros anos das lides forenses, e, dos quatro, com o Jerónimo de Castro a quem me veio a ligar amizade tão profunda, sentida e verdadeira que perdura ainda, após a sua morte, e perdurará até à minha, e com o Pimenta, depois, antes dos novos, o Francisco Faria e o Augusto Silva além do João Couto, há pouco falecido.

Eram figuras curiosas, de relevo típico — aquele apurmo solene, no desempenho das funções, em que se cunhava a majestade da Justiça, a dignidade da Lei, o augúrio do Tribunal; o reverente do que sabe e mede o tempo e o quando do «com a devida vénia»; a calma severa do confidente e amigo, que se apaixona pelas paixões, e interessa pelos interesses do Cliente, mas se encurraça no direito, que traz a esperança de vencer no drama judiciário; e o desampachado expedito de não deixar ao adversário pôr pé em ramo verde, nem lhe poupar lança em ataque — «bôca calada, passo ligeiro, bôca aberta». Havia toda uma liturgia de modos corteses, de atenções finas, de palavras compassadas, quando nos vinham ao cartório ou trabalhavam no Tribunal. Com isso, todos êles áfaveis em seu trato íntimo, com a perfeita noção de solidariedade por muitos quantos lidam profissionalmente no fóro, zelosos dos interesses dos constituintes, de quem por vezes se tornavam verdadeiros e íntimos conselheiros em todo o enredo de suas vidas íntimas — mas atentos sempre, e também, ao nosso esforço e, sobretudo, à nossa dignidade profissional.

Com o Correia, que faleceu a 23 de Março de 1913, trabalhei especialmente em acções comerciais, então abundantes. Logo em Setembro, daquele ano da formatura (1905), me procurei para requerer uma declaração de falência, que metia Juri Comercial, em audiência na qual, se fôsse oviço o requerido, havia debate em contraditória. Senti-me confuso, receoso — e muito francamente lho confessei: não estudáramos na Cadeira Comercial, a matéria perigosa das falências e eu achava de muito mau gôsto um sujeito quebrar num mês de férias, com uvas maduras, ares de praia, e a trazer dores de cólica a novato, que, por o ser, não se queria abrir falência a si próprio. Mas, afinal, o serviço fez-se — eu aprendi que isto de falir é muito mais fácil do que se imagina... quando se abre carreira e a vida nos sorri, enganosa e pérfida. O Correia trabalhou em causas de vulto — a célebre herança do *Cidade* — Cristóvão José Fernandes da Silva; a anulação do testamento do Padre João Cândido Ares Coutinho, de Tagilde; a herança Esteves Ribeiro, com o insigne Dr. Francisco Joaquim Fernandes, Mestre de direito e Mestre de Advogados, meu muito ilustre, querido e saudoso Amigo, e com quem tive a honra, e a lição, de várias vezes trabalhar. Eram acções de impiorabilidade e responsabilidade, em que lidavam advogados de fama, e que demandavam dos Solicitadores cuidado, atenção, escrupuloso, honestidade e saber. E só isto bastava a confirmar os seus méritos, que os tinha...

Eduardo de Almeida.

(Da Memória evocada de algumas figuras e momentos do Fóro Vimaranesa, em preparação).

PRESIDENTE DA CAMARA

Esteve em Lisboa, na semana finda, por motivo das sessões da Câmara Corporativa de que faz parte, o ilustre Presidente do nosso Município Sr. Dr. João Rocha dos Santos.

TELEFONES AUTOMÁTICOS

A inauguração dos telefones automáticos, cuja instalação tanto nesta Cidade como em Vizela e Pevidém, não falando em Braga, Fafe e outras localidades, já se encontra concluída, far-se-á, à 1 hora da madrugada de quarta-feira próxima, dia 31 de Março, pelo que nos encontramos a uma pequena distância desse melhoramento — que é, sem dúvida, grande.

Os assinantes da rede quando, depois, da hora indicada para o início do serviço automático, sejam chamados ou queiram fazer alguma chamada, devem utilizar apenas o telefone automático. Para isso deverão proceder da forma a seguir indicada, conforme o tipo da instalação que possuam:

Telefones simples (sem tomadas nem suplementares) — Arrancar o cordel da caixa colocada na parede e cortar o cordel que prende o microtelefone e marcador do telefone automático.

Telefones com tomadas — Retirar a ficha do telefone manual e utilizar a do telefone automático, correndo previamente o cordel que prende o microtelefone e o marcador.

Telefones com I suplementar — Manter o manipulo do comutador do telefone manual na posição — telefone manual ligado à rede, e, nestas condições, utilizar os telefones automáticos principal e suplementar, cortando previamente os cordéis que prendem os microtelefones e marcadores.

GAZETILHA

Há um Café no Tournal que se está a colocar mal por desleixo da gerência, pois tem à sua sacada, prà linda Praça voltada, coisa com pouca decência...

Quando o anúncio era novo, chamava a atenção do povo e não dava mal efeito; mas tal qual se encontra agora tem de ser tirado fora ou arranjado com jeito.

Pessimamente tratado, e sem luz, o desgraçado 'stá um mostrengo repelente... Quando vem alguém de fora e a fitá-lo se demora até faz corar a gente.

Mas se ousarem duvidar do que venho de afirmar, resolvam-se e vão lá ver. — E' ali no **Oriental**, Café que não tem rival, e que dá «nota» a valer...

Portanto, senhor Carvalho, mande arranjar o *espantalho*, não tenha as bôças fechadas! — Aquilo está muito feio, e no Tournal quer-se asseio, pelo menos, nas fachadas...

Custa-me algo dizer-lhe isto, mas, em regra, não resisto à tentação duas vezes. Demais que se eu não falar, fica aquilo a arreliar tôda a vida... e mais seis meses.

BELGATOUR.

BONS SERVIÇOS

Por ocasião da celebração do aniversário da Humanitária Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, ocorrido no dia de S. José, foram condecorados com as medalhas de 25 e 5 anos de bons e efectivos serviços, prestados à Causa Sagrada, o chefe Sr. Sebastião de Freitas e os Bombeiros Domingos Ribeiro Martins e José Pacheco, respectivamente.

Se é certo que essas medalhas lá ficam, brilhando no seu peito, a atestar o heroísmo e a abnegação, não são de mais os louvores que possam tecer-se áqueles que militam nesse nobre exercício de Soldados da Paz.

Officinas de S. José

Como nos demais anos, os vimaranenses, em número consolador, pelo que revela de interesse e aplauso à obra grandiosa que se vem realizando no antigo Convento das Capuchinhas, não deixaram de, no dia de S. José, levar com a sua visita e o seu generoso óbvio, a certeza de que querem contribuir para que as Oficinas con-



Alberto Pimenta Machado

tinuem a engrandecer-se mais e mais, agasalhando, ensinando e educando os pobres rapaziños que hão-de ser, num futuro próximo, como ali e muito bem se afirmou no decorrer da festa do dia 19, honrados trabalhadores, cidadãos exemplares, bons chefes de família...

As solenidades religiosas com que uma vez mais foi assinalado o dia do Glorioso S. José, terminaram às quatro horas precisas, altura em que se abriram de par em par as portas do grande edificio, começando logo a visita de centenas de pessoas que percorreram, uma a uma, as muitas dependências da modelar Casa de Caridade, não sem que de momento a admiração fosse soltando frases de admiração pelo muito que se tem ali realizado; de aplauso aos incansáveis dirigentes e benfeitores e de consola-



Padre Domingos Gonçalves

dora certeza de que uma extraordinária obra de grande alcance social vem sendo levada a cabo, com rara competência, inextinguível zelo e heróico esforço por homens que bem merecem a admiração de todos nós, porque são bem os timoneiros sábios que conduzem serenamente a grande nau, no mar encapelado das enormes dificuldades actuais.

Depressa se encheu o grande salão onde se effectou a rápida sessão comemorativa do Dia de S. José e de homenagem a alguns benfeitores.

Entre a assistência muitas senhoras da nossa melhor sociedade e cavalheiros respeitáveis: os fundadores das Oficinas, ainda vivos, Srs. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, Dr. Alfredo Peixoto e Luís Cardoso de Macedo e Meneses (Margaride); todos os componentes da actual Direcção a que preside o importante industrial Sr. Alberto Pimenta Machado; o incansável Director das Oficinas, Sr. P.º Domingos da Silva Gonçalves, o benemérito Sr. P.º António Maria Brandão, o Sr. Joaquim Hermenegildo da Cunha e Costa, sobrinho da grande benemerita Sr.ª D. Eulália da Cunha e Costa, o ilustre Presidente da Câmara Sr. Dr. João Rocha dos Santos; diversos sacerdotes, industriais, capitalistas, etc.

O venerando Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, figura que todos

nós tanto apreciamos e respeitamos, usou da palavra.

Estávamos ali reunidos para glorificar a Deus.

Glorificamos a Deus nas obras das pessoas caridosas que, pelo seu exemplo, nos ensinam a amar e glorificar a Deus.

Benditos aqueles — acrescentou o orador — que pelo seu exemplo nos ensinam a praticar a Caridade. Que sejam cobertos de bênçãos os seus nomes e que os seus retratos, expostos nas galerias de benfeitores das Casas de Beneficência, sejam o incentivo no caminho do bem e para a prática da virtude.

Foi nesta altura que três pequenos internados descerraram, no meio de uma grande manifestação de carinho e respeito, os retratos das Sr.^{as} D. Eulália da Cunha e Costa Melo e D. Maria Martins Gonçalves, já falecidas e do Rev. António Maria Martins Brandão. E o Sr. Cónego Vasconcelos continuou, afirmando que aqueles retratos serão venerados pelas crianças que se acolhem naquele sagrado refúgio, em busca da sua salvação física e moral.

D pois refere-se ao passado daquela Casa que acolheu tantas senhoras virtuosas que se dedicaram inteiramente à humildade, à oração e à penitência, sacrificando-se com as suas lágrimas e o seu sangue à salvação dos pecadores, para maior glória do Senhor.

Altura que aquela Casa foi sempre um local de heroísmo, de abnegação, de virtude.

Faz depois, ligeiramente, a história das Oficinas de S. José, tecendo os melhores e bem merecidos elogios aos seus dirigentes de todos os tempos e conclui:

— Na Obra das Oficinas anda o dedo de Deus, conhecendo-se bem a mão do glorioso S. José!

Em seguida falou o Rev. Domingos Gonçalves:

Presta homenagem aos fundadores das Oficinas, dum modo especial aos que se encontram ali presentes, agradece à Imprensa para a qual tem palavras que muito nos sensibilizaram, todos os serviços que tem prestado àquela Casa; associa-se à homenagem prestada ao seu ilustre colega e grande benemérito Sr. P.^e António Maria Brandão e curva-se respeitosamente ante os retratos que ali foram inaugurados; cumprimenta o sobrinho da benemerita Sr.^a D. Eulália da Cunha e Costa Melo, o Sr. Joaquim H. da Cunha e Costa, ali presente; agradece a homenagem prestada a sua santa tia, a Sr.^a D. Maria Martins Gonçalves, que tão desinteressadamente e com tamanha dedicação foi, durante muitos anos, uma excelente administradora das Oficinas e cujo nome recorda, comovidamente, com a maior saudade.

Depois, o orador, refere-se ao incremento que as Oficinas têm tomado desde a sua fundação e recorda que fazia naquele dia precisamente 25 anos que os 18 internados entraram, pela primeira vez naquela Casa onde tanto se tem feito já.

Finalmente dirige-se aos actuais dirigentes das Oficinas, prestando-lhes a sua homenagem e destaca o nome do Sr. Alberto Pimenta Machado, Alma grande, generosa, magnânima, a quem aquela Casa muito deve já, sendo, como o Sr. Cónego Vasconcelos, muito aplaudido.

Procedeu-se, em seguida, ao sorteio de muitos e valiosos prémios, assim terminando, já quasi noite, aquela festa enternecedora que todos os anos se repetirá, porque está no ânimo e no coração de todos nós e vai fazendo parte das tradições de Guimarães — daquelas que nos honram e são bem a prova eloquente dos nobres sentimentos dos vimaranenses.

Não encerraremos esta ligeira notícia sem fazer breve alusão a um facto ocorrido já no término da festa:

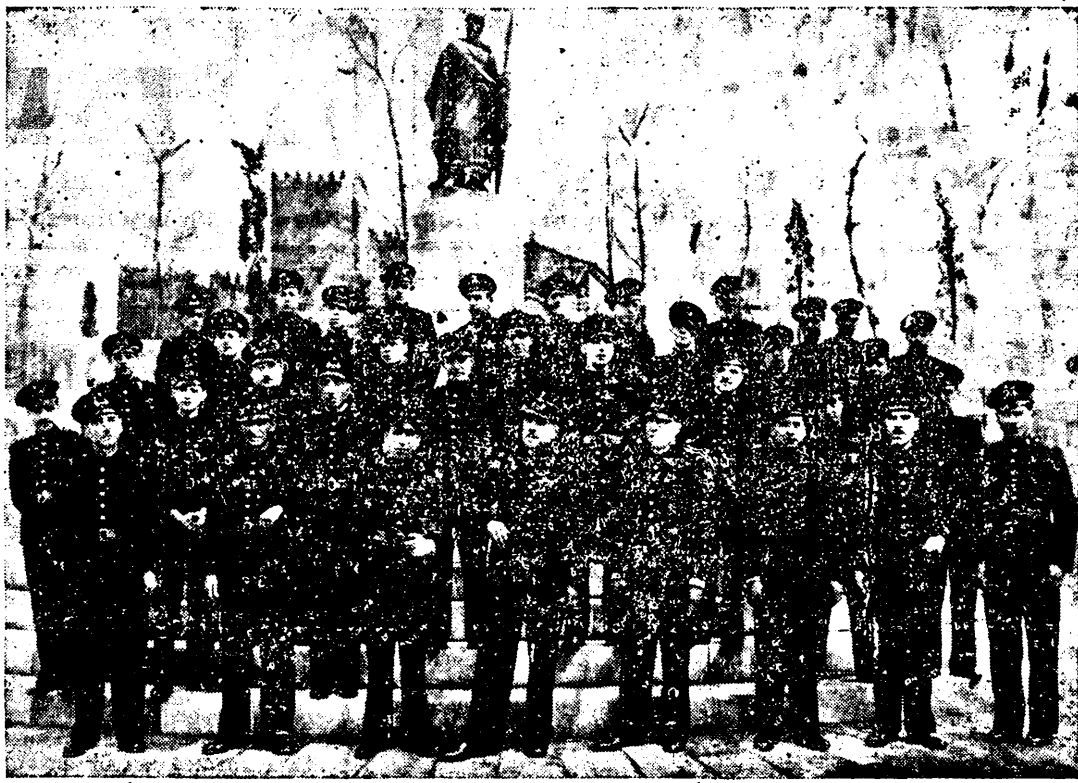
Escondido, junto duma porta, isolado, pensativo e depois de haver visitado todas as dependências da Casa, um homem aguardava que o Rev. Domingos Gonçalves se aproximasse.

Depressa ele surgiu e logo o ignorado visitante se lhe dirigiu, oferecendo a quantia de 5300 como sendo a sua contribuição naquele dia de festa anual.

Não lhe quiseram aceitar a esmola, mas a insistência do ofertante que, de olhos rasos de lágrimas, quasi se sentia sufocado por uma enorme comoção, tal não permitiu.

E' pouco — disse — mas dado de boa vontade, porque foi ali, naquela Casa, que o fizeram homem, prepara-

O 40.º Aniversário da Banda dos Guises



No dia 25 ocorreu mais um aniversário — o 40.º — sobre a fundação da reputada Banda dos Guises (Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães), acontecimento este que merece ser destacado pelo que representa de esforço, de boa vontade e de baírrismo da parte daquelas pessoas que se abalançaram a tão grande iniciativa e de tantas outras que têm dirigido, composto ou acarinhado o brilhante agrupamento artístico, que tão alto e tão longe e por forma acentuada tem sabido levar, no decorrer dos anos, o nome de Guimarães.

A comemoração do aniversário da nossa Banda faz-se hoje, com o programa que inserimos seguidamente, oferecendo-se, assim, uma excelente oportunidade para que os vimaranen-

ses testemunhem aos Srs Joaquim e António Guise, respectivamente chefe e sub-chefe da Banda e a todos quantos dela fazem parte, o seu apreço, a sua admiração e o seu justo louvor, por tamanha tenacidade no campo da cultura e em prol da Terra.

E já que, por feliz e oportuna iniciativa, se fundou recentemente a Sociedade Filarmónica Vimaranense, para prestar à Banda em referência a assistência de que tanto carece, instituição essa de que fazem parte tantos nomes de pessoas que são a melhor garantia do bom êxito de novas iniciativas, cumprimentos aqui, sinceramente e com o maior entusiasmo, tôlas essas pessoas que, de tal forma, estão a trabalhar sob o mesmo estandarte onde o nome de

Guimarães nos impõe o dever de sermos os Arautos do seu progresso e da sua vida, esperançados de que todos os Vimaranenses, na compreensão nítida dos seus deveres, não deixarão de contribuir o melhor possível para as prosperidades dessa Sociedade Filarmónica.

A comemoração do aniversário da Banda, que hoje se realiza, consta do seguinte programa:

Às 8 horas, arruada; às 9, cumprimentos às Autoridades e Imprensa local e diária; às 9.30, Missa na Basílica de S. Pedro, com acompanhamento a Orquestra; às 17, Concerto no Jardim Público, dedicado aos Sócios e suas Famílias, com um programa escolhido; às 20, Jantar de confraternização no Hotel do Toural

Procissão de Passos

Recebemos da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, a seguinte Nota Oficial:

«A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, da cidade de Guimarães, tendo notado um grande desagrado na população Vimaranense pelo facto de não se realizar a solene procissão do Senhor dos Passos, resolveu, por unanimidade, que no presente ano se realize esse importante acto de culto. E assim, no dia 11 do próximo mês de Abril, pelas 18 horas, sairá, se o tempo o permitir, da Igreja dos Santos Passos, a costumada procissão, que será revestida da maior solemnidade.

Guimarães, Secretária da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 23 de Março de 1943. — O Provedor, (a) António José Pereira de Lima.

Bem andou a Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, a que dignamente preside o respeitável vimaranense e nosso bom amigo sr. António José Pereira de Lima, resolvendo manter a tradição da majestosa Procissão de Passos que é, sem dúvida, um dos mais imponentes cortejos religiosos que se realizam em todo o país.

Representações

para todo o Centro e Sul do País aceita-as de quaisquer fábricas a

Sociedade Corteicos, L.^a
Rua Eugénio dos Santos, 24 3.º
LISBOA.

rando-o para a vida e ministrando-lhe os mais sãos ensinamentos.

A cena, passada embora quasi familiarmente entre aquelas pessoas que digem os destinos das Oficinas, não deixou de produzir em todos êles uma emoção forte mas bem natural.

se os outros se interpusessem. Mas, aparentemente, havia autoridade entre êles, que se absteram, e nós também. Três passos feitos nas trevas levaram-nos a estrebaria, que ficava situada por detrás da locanda. O homem abriu a porta e, passando-me à frente, levantou a sua lanterna. Um cavalo relinçou e voltou para nós os seus olhos brilhantes. Era um baio castanho, de excelente estampa, cauda mesclada de cinzas brancas e malhado de branco num pé.

— Ora aqui está — exclamou orgulhosamente o meu guia, balouçando a lanterna para me mostrar melhor as formas do animal. Que dizeis vós a isto?... E' um pótro?...

— Não... respondi eu, moderando proposadamente os meus elogios. Não é mau... para esta terra...

— E para tôdas as terras! — exclamou raiosamente o homem. — E para tôdas as terras, vos digo eu!... Pode ir seja onde fór, que para mim é indiferente... Tenho razões para o saber! Sim, meu fidalgo, este cavalo

O NOSSO TELEFONE

A partir de quarta-feira próxima, dia 31, o telefone do «Notícias de Guimarães» tem o número 4313.

Livros & Jornais

Sinais do Céu — por Joaquim Mota Júnior.

Aqui está um romance feliz, admiravelmente concebido, cheio de vida, mas de uma vida que não tem nada desses sentimentos tão batidos e, não obstante isso, quantas e quantas vezes tão mal apresentados. O autor serviu-se de uma técnica original, própria, que tem o seu valor, já pela forma como é descrita, já pela frescura dos motivos. Agradou-nos este romance. E' bom que de vez em quando nos venha um livro como este para se esquecer tanta e tanta ninharia que os prelos trazem a lume. Joaquim Mota Júnior pode orgulhar-se de ter escrito uma obra que revela inúmeras qualidades de romancista. Discordamos, sob o ponto de vista ideológico, na defesa que o autor faz da esterilização. Terá o homem esse direito? Será admissível tal atitude? A vida não se pode encarar por princípios ou causas isoladas. Quando se trata de assuntos tão vastos e meticolosos, é preciso observá-la com escrupulo e cuidado — e observá-la em tôdas as suas múltiplas conseqüências. Manceiras de ver do A., as quais têm muitos sequazes. Mas é preciso que os leitores dêste romance tenham actividade de raciocínio e possam fazer os actos com sua inteira responsabilidade. (Edição da Parceria A. M. Pereira, de Lisboa).

História Maravilhosa de Washington — por Gentil Marques.

O A. previne no princípio: «Esta obra é um romance e não pretende ser uma biografia». Não veio dar-nos, a largos traços, os factos mais notáveis de Washington — esse homem excepcional que a América tem obrigação de venerar. Escreveu antes um romance, de contornos livres, de amplitude ilimitada, tão ilimitada como a fantasia, mas ainda assim com pinceladas biográficas, já que o não são na forma, pelo menos na essência. E' este livro, pois, um romance, romancete que principia e acaba como um hino, notas fortes, vibrantes, decididas, capazes de enaltecerem um homem ou orgulharem um povo. Gentil Marques, com o seu estilo muito peculiar, escreveu um romance que é uma epopeia de heroicidades, bravuras, coragem, disciplina e arrojô. A sua pena mais uma vez brilhou e fez de Washington uma autêntica história maravilhosa. — Desta mesma colecção já aqui fizemos referências à «História

tôrno de mim aconselhavam-me a muita prudência, e garanto que um italiano não teria representado mais delicadamente o seu papel do que eu o meu. Assim, senti um grande alívio no coração quando, chegada a hora de recolher, me vi finalmente só num pequeno celeiro, verdadeiro poleiro de galinhas, no alto da casa, formado pelo tecto e pelas paredes e tapetado de numerosas filãs de batatas e de castanhas. Era um triste lugar para quarto de cama. Subia-se para êle por uma escada. Por leito, tinha a minha capa sobre uma porção de verdura. Mas contentei-me com o que tinha porque estava só e podia reflectir na situação, sem ser espiado.

Evidentemente, o senhor de Coche-forêt estava no castelo. Tinha deixado o seu cavalo na locanda e fôra a pé, como, sem dúvida, fazia ordinariamente. Num sentido, portanto, êle estava ao meu alcance, e eu não poderia ter chegado em melhor momento; mas, noutro sentido, êle estava fora dêsse mesmo alcance, e tanto co-

Glossário dos Tempos — por António Sardinha.

António Sardinha é aquele talento admirável que, num momento, soluça a mística do seu lirismo quente e sincero, e, dentro em pouco, lacera os hipócritas, os pérfidos, os velhacos, com as chicotadas certeiras da sua pena erudita e amestrada para os mais difíceis lances. Em «Glossário dos tempos» mostra-se, como sempre, inabalável nas suas convicções cristãs e patrióticas. E' o esteio de pedra, firme, erecto, senhor do seu posto, orgulhoso da sua função. Mais ainda: E' pena douta que mexe os assuntos com clareza, propriedade, correcção, harmonia — tôdas essas virtudes que fazem uma obra literária. Glossário dos tempos — um bom livro. E' um livro de António Sardinha, e está dito tudo. Pena é que os editores não tragam a lume, em volumes acessíveis a todo o público, as diversas obras dêste escritor. Muito contribuiriam para bem da literatura e bem das almas. (Edições Gama, de Lisboa).

Braz e a primeira Comunhão — por Condessa de Ségur.

Este romance de linhas suaves, de moral inpeçável, de urdidura atraente, deve ter duas espécies de leitores: — pais e filhos. E' preciso que uns e outros o leiam para que os seus frutos sejam mais abundantes, mais sãos e salutíferos. Não se pense que é um romance de piqueie religiosa. Literariamente, Braz e a primeira comunhão é uma obra que fica muito além de certos romances que a mocidade lê. Não louvamos o livro, exclusivamente, pelo fim moralístico. Este, de facto, é digno de apreço; mas, nestas colunas, compete-nos, em especial, olhar para outras causas. Pode tratar-se de religião, incutir bons ensinamentos e ter pouco valor literário. Mas insular virtudes no espirito de quem lê, dentro dos princípios inpeçáveis da Literatura, isto é, fazendo arte, construindo obra literária, é trabalho difícil e digno de elogios. E' o que sucede com este romance. Que o leiam todos, grandes e pequenos, porque a todos lar bem e dará prazer espiritual, quer pelo enredo simples mas atraente, quer pela boa doutrina que se evolva das suas páginas. (Editora Educação Nacional, L.^a, do Porto).

Um caso de consciência e A Tortura da Carne — por Leão Tolstol.

Leão Tolstol é um dos melhores escritores russos, talvez aquele que com mais sinceridade e verdade soube falar à alma dos leitores. Os seus temas predilectos — sociologia e religião — foram tratados por um critério su-

perior. «Um caso de consciência», que parece ser a primeira versão da «Ressurreição», é uma novela de amor, com observação profunda, naturalidade sem deslises, estudo psíquico. E' bem um caso de consciência. Só esta fez sentir ao personagem que uma mulher que resvalara para os tremedais de vários vícios tinha por causa a estouvância dos seus verdes anos. E é sob esta luta íntima, até reparar o mal, que a novela se desenrola. «A tortura da carne» é outra novela admirável, em que se estudam os caracteres, em que a carne vive em luta com o espirito, em que amor e traição fervem no mesmo cérebro. Belas páginas aquelas em que a carne reclama os seus caprichos e a alma os contém! O sofrimento, a tortura, o desespero são sentimentos que Tolstol descreve maravilhosamente. Este livro pertence à colecção «Contos e Novelas». Deve ser dos melhores. Agradece perfeitamente. (Edições Gleba, Lisboa).

USAR PRODUTOS "HOFALI,"

Symbolisa.....
....Elegância e distinção!

- Aguas da Colónia
- Brilhanças
- Extractos
- Fixadores
- Loções
- Pó de arroz
- Rouge
- Sabonetes
- Pó talco



- Batons: «Hofali» - «Ku-Ki».
- Creme dia e noite: «Dilicromia».
- Agua de Colónia: «Flores de Maio».
- Petróleo Químico: «Hofali».
- Verniz: «Laca-Hofali».

A MARCA que está na MODA!

Venda nos bons estabelecimentos do Coneelho.

FOLHETIM DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

N.º 8 J. Weyman

Aventuras do Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO II

No «Pilar Verde»

Mas, sem lhes prestar a mais ligeira atenção, o dono da casa levantou-se, pegou numa lanterna e, com um ar importante, abriu a porta.

— Vinde comigo — repetiu êle. — Com que então, eu não sei conhecer um bom cavalo se o vir?... Pois fiquei sabendo que conheço um melhor que o vosso!

Eu não teria ficado surpreendido do a porta da estrebaria e os vagos contornos de um telhado inclinado. Era o que eu esperava. Podia espreitar dali e assegurar-me de se Coche-forêt partia antes do romper de alva. Se o não visse, ficaria sabendo que êle estava ainda no povoado. Se êle partisse, eu estava calocado excellentemente para lhe ver o rosto e para saber, talvez, coisas que mais tarde me poderiam ser proveitosas.

Tirando o meu partido da incomodidade da posição, sentei-me no pavimento, próximo da janela, e comecei a minha vigília. Durava ela havia aproximadamente uma hora, quando ouvi um murmúrio de voz seguido do rumor de passos, vi algumas pessoas que contornavam a esquina da parede e distingui uma voz que falava alto e em tom autoritário. Não podia entender as palavras nem o sentido delas, mas convenci-me de que era uma voz de gentilhomem: o modo de falar e o tom de senhor, não me deixaram dúvidas de que estava ali o homem que eu procurava. (Continua).

maravilhosos de Beethoven», primeiro volume publicado. Este é o 3.º volume e tem o número 6003. (Editora Argo, de Lisboa).

Fabulário — Ensaio de Mário Gonçalves Viana.

A fábula é, geralmente, um meio de morigeração e adapta-se a tôdas as inteligências. Mário G. Viana, no seu estudo «A fabulística através dos tempos», ocupa-se, com especial reição e com a proficiência que lhe é peculiar, dêsse difícil género literário. As vantagens da fábula, as suas origens, a sua universalidade, as suas causas, a diferença com os outros géneros aparentados, os fabulistas portugueses mais em destaque, são assuntos ventilados pelo ensaísta ilustre que põe sempre nos seus conceitos uma grande elevação moral e um profundo conhecimento literário. No texto, aparecem as melhores fábulas de Sá de Miranda, Rodrigues Lobo, F. Manuel de Melo, M. Guerreiro, F. M. Nascimento, Bocage, Curvo Semedo, Marques de Alorna, Garrett, Castilho, O'Neill, João de Deus, João Penha, António Feijó, etc., etc.. Por tudo, «Fabulário» é um livro útil que fica bem numa biblioteca. Pertence à colecção «Juventude», da qual já nos referimos ao «Ivanhoé» e ao «D. Quixote de la Mancha». (Editora Educação Nacional, L.^a, do Porto).

Braz e a primeira Comunhão — por Condessa de Ségur.

Este romance de linhas suaves, de moral inpeçável, de urdidura atraente, deve ter duas espécies de leitores: — pais e filhos. E' preciso que uns e outros o leiam para que os seus frutos sejam mais abundantes, mais sãos e salutíferos. Não se pense que é um romance de piqueie religiosa. Literariamente, Braz e a primeira comunhão é uma obra que fica muito além de certos romances que a mocidade lê. Não louvamos o livro, exclusivamente, pelo fim moralístico. Este, de facto, é digno de apreço; mas, nestas colunas, compete-nos, em especial, olhar para outras causas. Pode tratar-se de religião, incutir bons ensinamentos e ter pouco valor literário. Mas insular virtudes no espirito de quem lê, dentro dos princípios inpeçáveis da Literatura, isto é, fazendo arte, construindo obra literária, é trabalho difícil e digno de elogios. E' o que sucede com este romance. Que o leiam todos, grandes e pequenos, porque a todos lar bem e dará prazer espiritual, quer pelo enredo simples mas atraente, quer pela boa doutrina que se evolva das suas páginas. (Editora Educação Nacional, L.^a, do Porto).

Um caso de consciência e A Tortura da Carne — por Leão Tolstol.

Leão Tolstol é um dos melhores escritores russos, talvez aquele que com mais sinceridade e verdade soube falar à alma dos leitores. Os seus temas predilectos — sociologia e religião — foram tratados por um critério su-

perior. «Um caso de consciência», que parece ser a primeira versão da «Ressurreição», é uma novela de amor, com observação profunda, naturalidade sem deslises, estudo psíquico. E' bem um caso de consciência. Só esta fez sentir ao personagem que uma mulher que resvalara para os tremedais de vários vícios tinha por causa a estouvância dos seus verdes anos. E é sob esta luta íntima, até reparar o mal, que a novela se desenrola. «A tortura da carne» é outra novela admirável, em que se estudam os caracteres, em que a carne vive em luta com o espirito, em que amor e traição fervem no mesmo cérebro. Belas páginas aquelas em que a carne reclama os seus caprichos e a alma os contém! O sofrimento, a tortura, o desespero são sentimentos que Tolstol descreve maravilhosamente. Este livro pertence à colecção «Contos e Novelas». Deve ser dos melhores. Agradece perfeitamente. (Edições Gleba, Lisboa).

F. T.

9 DE ABRIL

A Comissão Administrativa da Sub-Agência da L. dos C. da Grande Guerra manda rezar, no dia 9 de Abril próximo, às 10 horas, no templo de N. S.ª da Oliveira, uma missa em sufrágio da Alma dos Combatentes mortos na Grande Guerra.

Declaração

Eu abaixo assinado Manuel Ribeiro de Abreu, casado, proprietário, morador no lugar da Igreja, de freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, desta comarca, declaro, para os devidos feitos, que não tomo sobre mim a responsabilidade de quaisquer dívidas que minha esposa, Joaquina Cômes, contraia sem o meu consentimento, pois tais dívidas não aproveitam ao casal.

Quaisquer pessoas que se considerem, ao presente, credoras da referida senhora, devem apresentar suas contas no escritório do advogado desta cidade, Sr. Dr. José Pinto Rodrigues, sito na rua do Gravador Molarinho, n.º 17, afim-de serem examinadas pelo declarante.

Guimarães, 27 de Março de 1943.

Manuel Ribeiro de Abreu.

Segue o reconhecimento.

350

Campeonato Nac. de Futebol

O "Vitória", derrotou o "Belenenses,, por 3-1

O campo de Benlhevai registou no pretérito domingo a maior enchente da presente época e uma das maiores de todos os tempos. Milhares de pessoas, ávidas de sensação, acorreram de vários pontos do Distrito a presenciar a luta entre os vitorianos e os lisboetas da célebre derrota infligida pelo grupo de Belém, no seu campo, na primeira volta do presente campeonato, aos vimaranenses — 12-0 — desde logo ficou sendo enorme o interesse pela luta que agora se feriu no campo de Benlhevai. Todos desejavam, todos queriam ver o comportamento dos vimaranenses no seu campo e com o seu público perante aqueles que ainda há pouco tempo, orgulhosa e merecidamente, marchavam à cabeça da classificação geral. Depois, sabia-se bem que no íntimo dos nossos rapazes aqueles 12-0 andavam a pesar como chumbo, e que uma reabilitação era o seu mais veemente desejo.

Daí o enorme interesse verificado e a grandiosidade que o espectáculo por vezes atingiu.

A luta travada entre os dois valorosos antagonistas se não se revestiu daquela perfeição técnica que qualquer deles é capaz de executar, valeu muito como espectáculo de beleza máscula, onde os lances de energia se sucederam com frequência e onde a vontade de vencer andou sempre ao de cima. E neste capítulo os vimaranenses tornaram-se credores do triunfo. A sua conduta na frente de um adversário incontestavelmente mais poderoso e que trazia na bagagem os louros de um grande triunfo sobre eles obtido, elevou-os aos olhos de todos e ninguém pode contestar o mérito da sua reabilitação magnífica.

Se nos disserem que os belenenses, pelo que jogaram, não mereciam ter perdido a partida — estamos de acordo! Mas faltou-lhes, para vencerem, qualquer coisa que desde os primeiros momentos foi visível nos vimaranenses, nunca os abandonando, e a que chamaremos força de vontade. Foi ela, sem dúvida, o principal factor da vitória. E se não tenhamos em vista o enorme ardor posto pela defesa no seu prodigioso trabalho. Recordemos a valorosa acção desenvolvida por Machado — o jogador de maior relevo no terreno — admiravelmente coadjuvado por Lino e João, que não souberam o que era um desfalecimento, um desânimo, apesar de, por vezes, se verem sufocados pelo apertado cerco em que o adversário os envolvia. Só o trabalho destes três homens merecia bem o galardão do triunfo. Mas houve mais: Os vimaranenses jogando menos ao ataque que o adversário — por vezes muito menos — souberam todavia finalizar melhor, mais serenamente — e os belos tentos de Ferraz e Laureta bem o provaram — as ocasiões que tiveram, tornando-se assim merecedores do magnífico resultado obtido.

Pelo que dizemos não vá pensar-se que o Belenenses se desinteressou da luta. Não! Ele lutou com saber, com vivacidade, com energia. Mas entre o seu querer e o dos vimaranenses houve larga diferença — a diferença que faz dos fracos fortes, tornando-os gigantes!

O primeiro tempo acabou com o Vitória a ganhar por 1-0. Aos 30 minutos, sobre

passo de Alexandre, Miguel, um pouco contra a corrente do jôgo, bateu Salvador.

Aos 5 minutos da segunda parte, Franklim entregou bem a José Pedro e este fez o único tento do seu grupo. Aos 31 e aos 37 minutos Ferraz e Laureta, respectivamente, em jogadas de brilhante mérito individual, apontaram os tentos do triunfo.

No capítulo domínio territorial, pode dizer-se que três quartas partes do encontro pertenceram ao Belenenses. O Vitória só começou a impôr-se pouco antes da obtenção do seu segundo tento. Até aí, não deixando de atacar sempre que pôde, só teve verdadeira evidência a defender-se.

O Belenenses fez ainda alarde de melhor técnica, sobretudo no sector dianteiro, onde Quaresma, José Pedro, Rafael e Franklim se evidenciaram. Os médios constituíram o ponto forte da equipe e os defesas cumpriram. Vasco impressionou bem pela sua vivacidade, quasi fazendo esquecer o titular Feliciano. Salvador foi o mais fraco dos onze, tendo contribuído para a derrota.

Como já dissemos, o ponto forte do Vitória residia na defesa. O único tento que esta sofreu deveu-se à pericia e ao imprevisível do chute de José Pedro — que fez um grande "goal". Na linha média faltou Castelo, adoentado, que foi substituído por Dias. Este embora tivesse tido bom comportamento não fez esquecer o titular, sobretudo no auxílio ao ataque Zeferino e José Maria, sem grandes rasgos, foram úteis e batalhadores. No ataque, individualmente, Ferraz destacou-se, e o tento que fez, pela boa execução, entusiasmou a assistência. Alexandre foi combativo, mas esteve muito guardado e por isso não pôde brilhar. Laureta e Miguel cumpriram. Arlindo fraco. Em conjunto, porém, o sector entendeu-se mal, sendo o pior da equipe.

A arbitragem do Sr. Araújo Correia, do Pôrto, foi desastosa. A assistência protestou, com muita razão, contra algumas faltas que não assinalou, salientando-se entre todas a grande penalidade provocada por Simões, quando os grupos estavam empatados.

Em Braga, as Reservas foram batidas pelo Sporting local por 9-2, num jôgo em que os bracarenses foram superiores. Aos vimaranenses faltaram alguns dos seus melhores elementos.

A's 11 horas de hoje jogam as Reservas com o F. C. de Famalicão, e às 15 o primeiro grupo com o Benfica.

Este encontro, considerado o mais importante da jornada, será radiodifundido pela Emissora Nacional.

J. Gualberto de Freitas.

da cidade

Diversas Notícias

O Problema da Habitação.
Hoje, domingo, pelas 11 horas, proceder-se-á, com a costumada solenidade, à inauguração de mais um prédio, mandado construir pela importante Cooperativa «O Problema da Habitação», na Rua de Paio Galvão, desta cidade e destinado ao seu associado n.º 314, o nosso prezado

amigo Sr. Amadeu José de Carvalho. Recebemos e agradecemos o amável convite para a solenidade.

Obras de S. Francisco

A fim de tratarem de assuntos que se relacionam com as obras de restauro do templo de S. Francisco, têm estado em Lisboa os nossos amigos Srs. Gaspar Ferreira Paúl e Dr. Leopoldo Martins de Freitas, respectivamente Ministro e Vice-Ministro daquela V. O. Terceira.

Câmara Municipal

Por falta de número de vereadores não houve na terça-feira sessão da Câmara Municipal de Guimarães.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanentemente a Farmácia Dias Machado

Incêndios

No domingo, à tarde, houve um princípio de incêndio na casa do Sr. Marino da Silva, na Rua de D. João I, lugar de S. Iázaro. Os bombeiros compareceram rapidamente mas não chegaram a trabalhar.

Na terça-feira houve, também, princípio de incêndio na casa das máquinas da Fábrica de Curtumes de Roldes, L.d.ª para onde os bombeiros seguiram logo após o sinal de alarme. Os prejuizos são pequenos.

Abôno de Família

Em cumprimento do decreto n.º 32.688 de 20 de Fevereiro, a Câmara Municipal de Guimarães já iniciou o pagamento do Abôno de Família ao seu pessoal, resolvendo, assim, que aqueles que se encontram ao serviço do Município, aufram, desde já, os proventos que a lei lhes confere.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 30, o nosso prezado amigo sr. José Nunes Pinto; no dia 31, o também nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas e a sr.ª D. Conceição da Costa Barroso; no dia 1 de Abril, as senhoras D. Emilia Ciampelle Teixeira de Aguiar, esposa do nosso bom amigo sr. João Teixeira de Aguiar, e D. Irene Gomes Fernandes Guimarães e os nossos prezados amigos srs. Francisco Inácio da Cunha Guimarães e Francisco Ribeiro de Castro; no dia 2, o nosso bom amigo sr. Francisco da Silva Martinho, da Vila das Taipas; no dia 3, os nossos prezados amigos srs. José Soares Barbosa de Oliveira, Luis Ribeiro Loureiro e Octávio Pereira Machado, Aspirante de Finanças em Amares; no dia 4, o também nosso prezado amigo sr. José Salgado.

A todas as senhoras e cavalheiros apresenta Notícias de Guimarães, os seus cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Vimos nesta cidade os nossos queridos amigos srs. Coronel Alcino da Costa Machado, de Paço Vieira; António Augusto Rebelo de Magalhães, de Ribeiros, Fufe; Guilherme Fulhadela, do Pevidim; Altino da Cunha Guimarães, de Romfe.

Com sua família, tem estado no seu palacete de S. Torcato, o nosso prezado amigo sr. Alberto Pimenta Machado.

Partiu para Setúbal, acompanhado de sua família, fixando ali residência, o nosso prezado amigo sr. Júlio da Silva Louçã, empregado do Banco de Portugal, que há tempos se encontrava em Guimarães e teve a amabilidade de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida, o que agradecemos.

Tem estado entre nós o ilustre oficial do exército e nosso prezado amigo sr. Coronel M. Sousa Guedes, Comandante de Inf. 9, de Lamego.

Regressou de Lisboa, onde esteve a prestar prova no concurso para Juiz, o nosso bom amigo e integérrimo Delegado do Procurador da República nesta Comarca, sr. dr. João Mauril de Faria.

Da Póvoa de Varzim, onde foi passar uns dias, regressou acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. José Maria Félix Pereira.

Tem estado entre nós o nosso bom amigo e conterrâneo, sr. Manuel de Castro Ferreira, dojante da Casa Fernando Almeida & C.ª.

No domingo, estiveram entre nós os nossos bons amigos srs. Carlos da Silva Pereira, de Santo Tiraz; António Salgado, de Riba d'Ave, e Heitor Gomes Fernandes Guimarães, de Vizela.

Regressou do Pôrto, onde há meses se encontrava a prestar serviço militar, o nosso prezado amigo sr. José de Abreu Guimarães, de S. Martinho de Candoso.

Vindo do Congo Belga, aonde regressará oportunamente, chegou a esta cidade o nosso conterrâneo sr. José Manuel Faria Martins, filho do nosso prezado amigo sr. António Faria Martins, digno presidente do "Vitória Sport Club".

Doentes

Tem estado doente o nosso prezado amigo sr. Adelino Lobo Neves Pereira.

Esteve doente, mas já se encontra restabelecido, um dos filhinhos do nosso bom amigo sr. Francisco Lage Jordão.

Tem passado bastante doente a esposa do nosso bom amigo e distinto Conservador do Registo Predial sr. dr. Teodoro Teixeira Pita.

Algo incomodada tem também

passado a sr.ª D. Maria Armanda de Almeida Carneiro Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. João de Almeida Ribeiro.

Vai melhor dos seus padecimentos o nosso prezado amigo sr. Francisco Correia Lopes.

Vimos já restabelecido o nosso bom amigo sr. João Augusto Passos.

Continua bastante doente a senhora D. Etlvina Machado Vital, esposa do nosso prezado amigo sr. Vital Marques Rodrigues.

Já se encontra quasi completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Domingos Duarte.

Tem passado doente a esposa do nosso prezado amigo sr. António Neves.

Vida Católica

Missão preparatória para a desobriga dos católicos das três freguesias da cidade de Guimarães — Na Igreja de N. S.ª da Oliveira começa no dia 4 de Abril uma Missão pregada por dois ilustres oradores sagrados. Na semana de 4 a 11 de Abril a Missão será exclusivamente para os homens e constará duma Conferência às 9 horas da tarde. Na semana de 11 a 18 de Abril será destinada especialmente às pessoas do sexo feminino (o que não quer dizer que não possam também assistir as do sexo masculino) e constará de duas conferências — às 6 horas da manhã e às 9 da tarde.

Haverá na mesma Igreja tanto para homens como para mulheres, na semana que lhes está destinada, confesores bastantes, devendo, porém, a Sagrada Comunhão ser recebida nas freguesias a que os católicos dum e doutro sexo pertencerem.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Em avançada idade, finou-se, na sua residência, à rua P.ª António Caldas, o Sr. João Paulino Pereira, pai dos Srs. Domingos Pereira de Magalhães, agente da P. S. P. e funcionário da secretaria da Esquadra policial desta cidade. Armando, José e João Baptista Pereira de Magalhães e avô dos Srs. António Pádua e Armando Ribeiro de Magalhães, aos quais apresentamos condolências.

O funeral efectua-se hoje, às 9 horas, para o Cemitério Municipal.

Aniversários fúnebres

Em comemoração do aniversário do falecimento do Rev. Francisco Manuel Barbosa, que foi Reitor da Freguesia de Serzedelo, deste Concelho, celebra-se hoje, às 12 horas, na Basílica de S. Pedro, uma missa por sua alma.

Passando amanhã, dia 29, mais um aniversário sobre o falecimento do saudoso vimaranense e grande benemérito José Pereira Tôrres Carneiro, celebrar-se-á uma missa em sufrágio da sua alma, às 8 horas, na Basílica de S. Pedro.

Alvaro Ferreira Guimarães

A família deste nosso conterrâneo recentemente falecido na Póvoa de Lanhoso, mandou celebrar, na segunda-feira, uma missa por sua alma, na Basílica de S. Pedro, acto que foi bastante concorrido.

SALVEMOS OS PINHAIS!

Devido, muito provavelmente, a condições favoráveis de clima registadas no Outono de 1942 e Inverno de 1943, a "Proceccionária", (Cuethocampa (Thaumetopoea) pityocampa Sch. ff.) também conhecida por "Lagarta do Pinheiro", tomou, em muitos pinhais, desenvolvimento excepcional.

No momento presente o actual ataque desta praga tem particular importância porque o consequente enfraquecimento dos pinheiros os predispe para o ataque dos "Bóstricos", praga que tem de ser combatida com a maior energia. Dêste modo a luta contra a "Proceccionária", toma um aspecto excepcional de urgência e valor, como meio indirecto de evitar maior desenvolvimento do "Bóstrico". Fica assim justificado que se atribua particular interesse ao ataque deste inimigo dos pinhais e se recomende, na defesa de uma das maiores riquezas nacionais, já tão gravemente abalada pelo ciclone e pelo recente ataque do "Bóstrico", a necessidade de todos os proprietários dos pinhais atacados cumprirem as instruções seguintes:

— Proceder ao corte dos ramos laterais que têminhos, enquanto estes estão povoados pelas lagartas.

Este trabalho só deve ser iniciado passadas as primeiras horas da manhã, deslocando-se os trabalhadores de encontro ao vento, trabalhando de lado para este e procurando proteger a cara e as mãos.

— Queimar em seguida os pinhos que tenham sido reñuidos em sacos; nesta altura devem os operadores, que estejam próximo das fogueiras, manter-se do lado donde sopra o vento.

— Nos pinhos das flechas, devem ser injectadas umas gotas de petróleo, quando seja possível obter este produto, utilizando uma almotolia de que a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas poderá fornecer modelo.

— Como as crias das lagartas, no solo, após o enterramento das lagartas,

Teatro Jordão

Hoje, às 15 e às 21 h.

A divertida e graciosissima comédia cinematográfica:

Sorte de Magala

interpretada por um par incomparável DOROTHY LAMOUR e BOB HOPE.

Quinta-feira, 1 de Abril — A's 21 horas:

Um esplêndido filme musical que se desenrola entre gargalhadas, canções e música deliciosa

NÃO SEJA MÃ!

Interpretado por artistas de nomeada

Eleanor Powell, Ann Sothern, Robert Young e Lionel Barrimore.



fala e o mundo acredita

Escutai estas emissões

8,45 (Noticiário)	24,92 m.	(12,04 mc/s)
	19,76 m.	(15,18 mc/s)
	13,86 m.	(21,64 mc/s)
13,15 (Noticiário e Actualidades)	24,92 m.	(12,04 mc/s)
	19,76 m.	(15,18 mc/s)
	13,86 m.	(21,64 mc/s)
21,45 (Noticiário e Actualidades)	42,11 m.	(7,13 mc/s)
	41,75 m.	(7,19 mc/s)
	31,75 m.	(9,45 mc/s)
	30,96 m.	(9,69 mc/s)
	261,10 m.	(1,449 Kc/s)
	1.500,00 m.	(200 Kc/s)

TEATRO

A Costureirinha da Sé

Com uma casa à Cunha, subiu à cena no passado dia 17, no Teatro Jordão, a opereta popular da autoria de Arnaldo Leite e Campos Monteiro, com partitura de vários autores.

Obra tallada em moldes regionais, as suas cenas apresentaram-se nos mal carpinteadas e, por vezes, cheias de despropósitos.

O tema é vulgar, para não dizermos: — muito estafado.

De imprevisível, nada que se recomende.

O interesse perde-se com os "rodri-guinhos", entretecidos, e a opereta poderia considerar-se acabada no fim do 1.º acto, depois de descoberto o enigma que pretenciosamente se desejava oferecer ao público.

Encontrado o pai, sabido que o galã não é arquitecto e posto a nu o seu amor pela filha do palhaço — que mais era preciso focar?

Sobre o desempenho, cumpre-nos destacar António Silva, que soube comportar bem a figura do palhaço "Sebastião", revelando sentir-se nesse papel como peixe dentro de água; Costinha, no barbaqueiro, abusou da comicidade e, afora as infelizes palmadas com que o público viu mas que nós não agüentamos, teve fácil saída para as dificuldades do seu personagem; Luiza Durão e Justina Silva foram as actrizes que maior equilíbrio demonstraram; Maria Clara, a debutante e principal estrela da Companhia, mostrou-se um pouco recessa, mas conseguiu suprir a sua indecisão com a frescura da sua voz harmoniosa. Depara-se-nos uma esperança e oxalá que os seus progressos se accentuem.

Do galã, não gostámos e achámos-lo muito pouco seguro na maneira como pisa o palco. Os restantes actrizes, salvo as "pauplinadas", do barbaqueiro-poeta, conseguiram equilibrar-se no seu conjunto.

A música foi agradável e bem executada, devendo mencionar-se também alguns dos cenários que vincaram bem o aspecto da Cidade Invicta.

Do Concelho

De Vizela

Na passada terça-feira foram reclamados os socorros dos bombeiros voluntários, pelas 16,30 horas, para o incêndio no prédio habitado pelo nosso amigo Sr. Joaquim Luis de Almeida, sito na rua Joaquim de F. R. de Faria, de que é proprietário o Sr. Fernando Bravo de Faria.

Graças à rapidez dos socorros foi prontamente dominado e os prejuizos, embora totais, foram insignificantes.

Com facilidade, mais uma vitória conseguiu o F. C. de Vizela, no passado domingo, sobre o Sport C. Vianense.

Vinhames afirmando que os vize-lenses haviam de encontrar o seu conjunto e que seria grupo a contar na 2.ª volta, hoje, não precisamos repetir, tal afirmação, que os números dizem melhor que ninguém.

Das Taipas

Numa das últimas noites da pretérita semana os ratunos penetraram por meio de arrombamento na casa de habitação do lavrador-caseiro João Rodrigues, do lugar do Pinhel, desta freguesia, furtando-lhe 10 alqueires de feijão, 6 ditos de centeio, uma foice e tesouras de poda, 1 quilo de arroz, 1 dito de assucar, 30 escudos em dinheiro e algumas peças de vestuário.

Por suspeita foram detidos três indivíduos, mas como nada se apurasse foram postos em liberdade.

Realizou-se na passada sexta-feira, 19, a Comunhão Colectiva dos Rapazes da Acção Católica desta freguesia, que teve grande concorrência.

A voz de Portugal!

Cinzas!... Quarentena quaresmal — período de penitência preparatório das almas para as grandes comemorações da transfiguração do Calvário!

A presença da Igreja Católica no Mundo moderno

Acaba de realizar-se em Coimbra a II Semana Social Portuguesa, que decorreu de 15 a 21 do corrente.

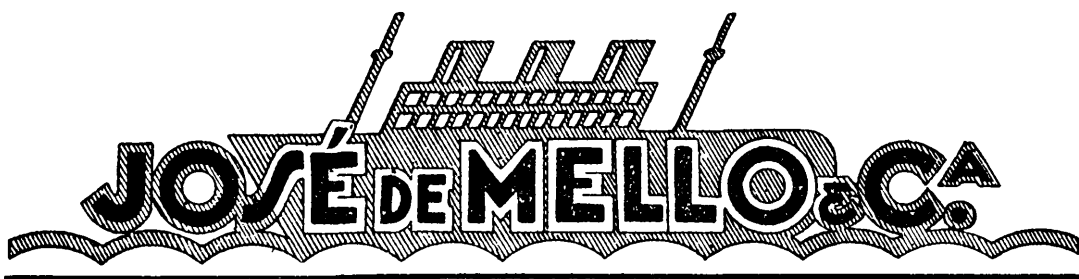
O que todos devem possuir nas suas Livrarias

Toda a pessoa verdadeiramente culta ou interessada pelos problemas de cultura, de medicina social, ou de assistência, deve possuir a coleção das Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Acompanhe as evoluções da Moda

não deixando de visitar a exposição de CHAPÉUS PARA SENHORA que o costureiro Júlio Gomes Ferreira apresenta com medêles finos e aplicações variadas, confeccionados em sêda, com pênas e outros adornos.

JÚLIO GOMES FERREIRA, L.ª Rua Fernandes Tomaz, 845 -- Pôrto.



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67 PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73 e Estado, 57.

Agentes de Navegação, de Fabricantes e Negociantes estrangeiros e nacionais

O Melhor Café é o d'A Brasileira



Vendedor oficial em GUIMARÃIS PEDRO DA SILVA FREITAS 11, Rua de Santo António, 13 (CASA CHAFARICA) Telefone 79

EXIJAM SEMPRE O NOME DO VENDEDOR OFICIAL EM GUIMARÃIS: Pedro da Silva Freitas

Cláudio Carneiro — Professor do Conservatório de Música do Pôrto. Dr. José Abolin Azevedo Contreiras — Antigo Director-Clinico das Caldas de Molêdo.

Prof. Dr. Belencourt Ferreira — Da Faculdade de Ciências do Pôrto. D. Maria de Castro Henriques Oswald — Escritora.

tudo das causas e profilaxia das doenças que produzem a decadência orgânica antes do tempo; Mulheres e Crianças; Crianças a salvar (deficiências de ouvido, da fala e da compreensão); Biopsicologia, ciência orientadora da medicina e do trabalho; Valor médico e social da psicologia; O rumo da fecundidade.

O preço desta importantíssima colectânea de 476 páginas, a maior até hoje, editada por esta Liga, é quasi ridiculo: 15\$00 (quinze escudos). Este preço que não permite lucros, ainda que bem precisos fossem para a publicação de novas séries (outras cinco aguardam a oportunidade de publicação) é propositadamente mantido para que não importantes Conferências tenham a eficiência que a Liga lhes vislumbrou.

Os problemas nelas tratados conservam a mais flagrante actualidade.

O TEMPO

Abundantes chuvas e fortes rajadas de vento seguiram-se imediatamente após o primeiro e formoso dia da Primavera.

O dia 21, de Sol quente, anunciou a chegada da primeira e encantadora estação do ano, mas logo o seguinte, de aspecto carrancudo, nos fez recordar os dias tristes da estação que havia terminado.

Deu-nos a Primavera o seu primeiro sorriso acariciador, para logo nos vermos de novo fustigados pela chuva e pelo vento.

Nos últimos dois dias o tempo melhorou muito embora se não possa considerar firme.

EMPREGADO

Precisa-se com prática de escritório. Escrever e falar nesta redacção ás iniciais M. C.

RELATÓRIO do Banco de Portugal

O Relatório do Banco Emissor, relativo à gerência de 1942, é um documento notável da vida económica e financeira do País e ajuda de todo o Mundo.

Referidos à base 100 de 1929, os índices dos preços por grosso mostram como a vida encareceu terrivelmente em grande parte dos países.

Própriamente no que se refere aos índices do custo da vida, também referidos à hora 100 de 1929, encontramos para Portugal 1452 em Novembro.

Outros países têm estes índices mais favoráveis, mas Portugal, quasi reduzido aos próprios recursos, ermos os seus portos de navegação estrangeira e desfalçada pela guerra a sua frota mercante, vai resistindo hercicamente aos males que flagelam o Mundo graças ás precauções tomadas pelo seu governo e não é dos povos mais agravados nas condições da vida corrente.

Bairro de rendimento

Um corrente de sete casas e seis dependências com terrenos de hortas, Fruteiras e Vinha, sitio magnifico para Fábrica de tecidos e fição, próximo da estrada entre Guimarães e Taipas com camionete de hora em hora, lugar de Castelões, freguesia de S. João de Ponte.

Tem terreno para fabrica de cortumes. Vende-se. Preferido-se transacção de sociedade para industria de tecidos, linhos ou cortumes.

Falar na CASA DAS GRAVATAS — Guimarães. 347

PRÓPRIEDADE VENDE-SE

Com casas de senhorio e de caseiro. 3 carros de medidas e 5 a 6 pipas de vinho tinto e branco. Muita fruta. Tem água á porta e dista das Taipas uns 200 metros, com bom caminho.

Indica JOÃO BAPTISTA SAMPAIO — Taipas. 349

BOM EMPREGO DE CAPITAL

VENDE-SE um bom prédio com grande quintal, assim como o recheio do mesmo, situado na Avenida Miguel Bombarda, 52. Para tratar com o seu proprietário. 351

Lêde e propaga o «Noticias de Guimarães»

NOTÍCIAS DO EDIPISTA SECCÃO CHARADÍSTICA dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno (compl.), Povo, Boquete (ling. e sin.), sin. de Bandeira.

Torneio de Charadas em Prosa

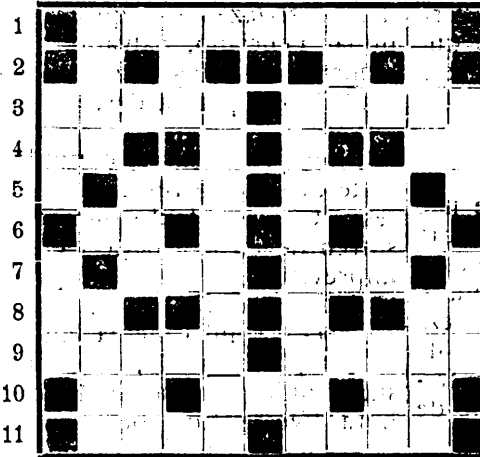
2.ª ETAPA — AFERESADAS

- 37) Alma bondosa e cristã, a graça de Dens tem por irmã. — 3-2
38) A absolvição dum criminoso é preferivel á condenação sem crime. — 3-4
39) Grande atributo, o de quem sabe respeitar a nação. — 3-2
40) O sossêgo do espirito, torna o viver tranqúilo. — 3-2
41) Sômente quem tenha sofrido pode avaliar as nossas dôres. — 3-4
42) Ótio: apavâgio de gente perversa. — 2-1
43) A fantasia é uma idéia sem forma. — 5-4
44) Na cadeia e no hospital, conhecemos quem nos é sincero. — 2-1
45) A dúvida só em si mesma tem segurança. — 4-3
46) Condena o que fôr contra a razão. — 3-2
47) Diz o pôvo: quem dá o pão, também castiga. — 3-2
48) Desprezar os bons conselhos nunca se deve fazer. — 2-1
49) Na vida dos grandes homens, quantos ensinamentos a ponderar! — 2-1
50) Carinho de Mãe! Não há maior! — 2-1

A SEGUIR: APOCOPADAS.

Palavras cruzadas

N.º 69 (Ao meu amigo OCAMELET, com um abraço. FAISÇA)



ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Ave de rapina (pl.). 3 — Pimenta da india; o vâco. 4 — Sem perigo; atmosfera. 5 — Cabelos brancos; existência. 6 — Comandante mongol; interessar. 7 — Origem; oficial de justiça na China. 8 — Estás; gemido. 9 — Espécie de macaquinho; estâtua de divindade pagã. 10 — Nota mus.; ontem; aqui. 11 — Ligeireza; certa palmeira da india (pl.).

CANTINHO PARA TODOS

Ao Sr. F. LAGE JORDÃO, á margem da História e das receitas culinárias, oferece o PESÉTA.

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Golpeia; desajar. 2 — Sincero; relação. 3 — Acusar; tuiço. 4 — Figura; insignificância. 5 — Existir; limpar. 7 — Separa; ligação. 8 — Gracejar; pref. de negação. 9 — Entre nós; dividido sem préximo. 10 — Intima; interj. 11 — Salgar; extraordinários.

Verticais: 1 — Curva de abóbada. 2 — Painela; vaso de pedra. 3 — Entremear; caminhar. 4 — Tautó; patrão. 5 — Naquêlo lugar; subtrair. 6 — Aprendiz de caixeiro. 7 — Mentira; d-vanear. 8 — Maior; criada gráve. 9 — Art. árabe; tonar rápido. 10 — Fruto da videira. 11 — Paixão.

Solução do n.º 62 — Horizontais: 1 — P; gorgoli; p. 2 — Area; belda. 3 — P; mlesso; l. 4 — Afé; e; l; tam. 5 — Zuavo; anata. 6 — T; e; i; a. 7 — Arnes; fulda. 8 — Dei; e; a; hom. 9 — I; etuarca; b. 10 — Talud; rampa. 11 — O; ominosa; r.

Decifradores dos n.ºs 61, 62 e 63: Dinis Lima, Pacatão, Alvarinto, A. L. C. Alguém, Frei António, Larnce, Pimpim, Doralvas, Jôia de Faraó, Paole, Agnus Matinus, Alfaiucha, Biscaro, Copifónico, Criança Alegre, Dropé, Enbelo, Laurus, Luomir, M. A. P. M., Mimi Zé, Morenita, Rotie, Sinhá Durrol, Lage e Jomo de Gul.

Do n.º 62: Joraca, Labita, Vareira, Maraca, Quico e Feraca. Dos n.ºs 61 e 63: Ligref, Alvar, P. de Inkin e A. Sialhagam.

Do n.º 61: Iguotus Sum, Fidêlio, Satanás, Conde, Tinobe, Dladema, Sabrigatta, João Augusto, Rei Texai, caralinda, José do Cauto, Jaime de Sousa Rocha, Berleri, Ferjufer, Somel, Acesuof, Jodipema, Marupé, Almonsores, A's da Fisga, Carlos do Cauto, Charadista X, Degas, Ninfa do Mondêgo, Ricardito, Ricomar, Saça de Carvão, Seela Quilecram, Sepol-A-Ocidem, Rouxinol do Mondêgo, Jota-Borda e Sôcaloiro.

SORTEIO — A cada decifrador do n.º 62, cabem 30 números. Lotaria de 3 de Abril.

As listas do presente número devem ser-nos enviadas até 11 de Abril. Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Mouiz, 85 — Guimarães.

Quintas -- Vendem-se Vendem-se

8 janelas e ferro des tinadas a fabrica, cujas medidas são 2 metros x 1 metro. Falar em S. Martinho de Candoso, com José Pereira Fernandes.

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

OFERECE-SE, para prestar serviços em qualquer escritório, assim como toma conta de escrita, com o curso Comercial e prática. Informa esta redacção.

Lêde e propaga o «Noticias de Guimarães»